

ANDANÇAS PELA RUA SERGIPE

WALKING ON THE SERGIPE STREET

*Kenya Vieira de Souza e Silva
Vanessa Duarte
Carolina Rodrigues de Carvalho¹
Sirlei Borrasca de Brito²*

RESUMO: Utilizando materiais produzidos no Projeto Educação Patrimonial (2005 - 2011), vinculado ao Projeto PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura), analisamos o processo de aprendizagem dos alunos de uma escola municipal na cidade de Londrina e intentamos apresentar possibilidades para um trabalho interdisciplinar. Esse texto divide-se em três partes: na primeira apresentamos os referenciais teóricos que balizam nosso conceito de Patrimônio Histórico e Educação Patrimonial. Na segunda discorremos sobre o que significa ensinar e aprender História considerando o Patrimônio Histórico da cidade como fonte para investigação. Na terceira apresentamos o trabalho desenvolvido na escola analisando-o na perspectiva de mapear as potencialidades apresentadas quanto à construção de conhecimento por parte de alunos e professores.

Palavras-chave: Ensino de História. Patrimônio Histórico. Memória. Cotidiano Escolar.

ABSTRACT: Using materials produced in Heritage Education Project (2005-2011), linked to the Project PROMIC - Program Municipal Cultural Incentive, we analyze the learning process of students of a municipal school in the city of Londrina and intend to present possibilities for a interdisciplinary work. This text is divided into three parts: In the first, we present the theoretical framework guiding of our concept of Historical Heritage and Heritage Education. In the second, we talk about what it means to teach and learn history considering the Historical Heritage of the city as a source for research. In the third, we present the work at school analyzing it from the perspective of mapping the potential presented as the construction of knowledge by students and teachers.

Keywords: Teaching of History. Historical Heritage. Memory. Everyday School.

¹ Graduandas de Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina e bolsistas do PIBID/CAPES

² Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Londrina, docente da rede Municipal de Ensino de Londrina e Supervisora bolsista do PIBID/CAPES.

INTRODUÇÃO

Apresentamos no presente texto parte das reflexões tecidas no projeto *As lentes captam o que o coração sente* cujo foco é o estudo das permanências e transformações no patrimônio histórico da cidade de Londrina, temática significativa para o ensino de história nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

O docente que atua com este nível de ensino é formado no curso de Pedagogia e trabalha com diversas áreas do conhecimento o que se constitui, em nosso entendimento, como algo positivo, pois facilita a abordagem interdisciplinar dos conteúdos promovendo a construção de um conhecimento mais significativo e menos fragmentado dos processos sociais.

O objetivo central do deste texto é propor reflexões a respeito da Educação Patrimonial como metodologia mediadora na formação de sujeitos críticos e ativos e divulgar junto aos docentes dos Anos Iniciais a importância de um trabalho em sala de aula que objetive e fomente a construção do conhecimento histórico como saber necessário para a compreensão e atuação na sociedade da qual participamos.

Sobre Educação Patrimonial e patrimônio histórico

Os estudos sobre patrimônio histórico situam-se no campo denominado Educação Patrimonial. O Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) define como Educação Patrimonial “um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo”. (GUIA BÁSICO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL, 1999, p.7).

Barroso complementa a conceituação afirmando que a Educação Patrimonial deve ser concebida como uma “[...] ferramenta de construção da consciência crítica [...] do entendimento de pertença/de protagonista da História [...] como estratégia de compreender o passado, como experiência

concreta e real [...]” (2010, p. 22). A Educação Patrimonial, portanto, vai além do estudo sistematizado dos bens culturais, pois, ao promover tal reflexão, favorece ao sujeito a compreensão dos diversos elementos que norteiam a história.

A Educação Patrimonial, segundo Barroso, tem a finalidade de promover nos sujeitos o “[...] reconhecimento de si no espaço e no tempo em que vive, despertando o sentimento de pertença, de que faz parte, é sujeito, é agente da História no presente; em outras palavras é protagonista” (BARROSO, 2010, p.21). Tais aspectos são substanciais para a formação de um sujeito autônomo reconhecedor de sua cultura e transformador da realidade social. A Educação Patrimonial amplia-se no Brasil a partir de 1983, “[...] com a ação precursora do Museu Imperial de Petrópolis. A partir do trabalho realizado na Inglaterra, a então diretora do Museu, a museóloga Maria de Lourdes Parreira Horta, articulou a realização do 1º seminário de Educação Patrimonial no Brasil” (BARROSO, 2010, p.16).

Por volta do final de 1990:

[...] essa metodologia foi sendo propalada, ganhando espaços e conhecimento no meio acadêmico e nos lugares de memória. A sua disseminação ganhou maior força quando o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) publicou, no ano de 1999, o Guia Básico de Educação Patrimonial [...] (BARROSO, 2010, p.18).

Considerando que a disseminação dessa metodologia dentro do país é recente, há carências de pesquisas e reflexões a respeito da mesma, porém não desconstrói a significância que tal proposta assume dentro da esfera educacional; ao contrário, cria em nós o desejo de estabelecer um trabalho significativo que leve os alunos compreenderem-se como sujeitos históricos, desenvolvendo um sentimento de pertencimento a determinada cultura.

A Educação Patrimonial propicia aos sujeitos o desenvolvimento de um conhecimento “[...] capaz de contextualizar informações dispersas e, na sua articulação, desvelar os mecanismos de submissão e as formas de superar os obstáculos que se apresentam na contemporaneidade” (MACHADO; MONTEIRO, 2010, p. 25). Um dos focos da Educação

Patrimonial é o trabalho com o patrimônio histórico que se apresenta na forma de bens materiais e/ou imateriais, sendo o primeiro concreto, palpável e, o segundo, delimitado por hábitos, costumes, danças, ritos, dentre outros, de determinada cultura.

A respeito da constituição social do patrimônio, Zanon, Magalhães e Branco, delimitam que:

A princípio, a noção de patrimônio esteve vinculada aos bens materiais familiares [...]. A partir do século XVIII, patrimônio passou a ser entendido como elementos protegidos e nomeados como bens culturais de uma nação, visando criar uma referência comum, uma identidade nacional (ZANON, MAGALHÃES E BRANCO, 2009, p.34).

No Brasil, a preocupação com o patrimônio inicia-se por volta do começo do século XX, vinculada à formação da identidade nacional. Oliveira afirma que o marco inicial ocorreu em 1937 com a publicação do Decreto-lei n. 25, de 30 de Novembro que tinha como objetivo “[...] garantir, em termos da lei, os processos de preservação (tombamentos)” (2008, p.96) dos Patrimônios Históricos brasileiros.

Machado e Monteiro esclarecem que:

a preocupação com a preservação do patrimônio envolveu ao longo do tempo diferentes organismos nacionais e internacionais, bem como associações de profissionais e especialistas no campo do patrimônio ou em áreas afins que, isoladamente ou em conjunto, promoveram discussões de caráter técnico, orientados pela situação de degradação do patrimônio cultural. (MACHADO e MONTEIRO, 2010, p. 28)

Verifica-se que preocupação com a preservação dos patrimônios não é algo recente e envolve diferentes esferas sociais na busca de um mesmo objetivo: manter viva a memória e história de determinado povo, por meio dos bens produzidos e apropriados. A citação subscrita pontua a existência de mudanças em relação à concepção de patrimônio, porém ainda se mantém a significância de propor reflexões a respeito da temática, dentro do âmbito social.

Atualmente, o foco no patrimônio histórico tem-se ampliado gradual e significativamente na sociedade. O rompimento com o ensino tradicional na disciplina de História e a busca por metodologias diferenciadas favoreceu a criação de novas reflexões a respeito do tema. Uma das formas de propor tal dissipação é por meio da Educação Patrimonial.

Em Londrina, algumas ações relacionadas à Educação Patrimonial recebe apoio do PROMIC (Programa Municipal de Incentivo à Cultura), desenvolvido pela Secretaria de Cultura do município que consiste em “[...] levar ações educacionais e culturais à população (primordialmente carente) do município” (ZANON; MAGALHÃES; BRANCO, 2009, p.8).

Pressupostos teóricos para ensinar história para crianças

Tendo em vista os conceitos até então abordados verifica-se que a Educação Patrimonial é muito importante para construção do conhecimento histórico nas crianças. Porém, como trabalhar com tal modalidade, a fim de garantir um conhecimento elaborado? Sabemos por Cooper que,

[...] precisamos encontrar formas de ensiná-los, desde o começo, que iniciem o processo com eles e seus interesses, que envolvam uma “aprendizagem ativa” e pensamento histórico genuíno, mesmo que embrionário, de maneira crescentemente complexa (COOPER, 2006, p.173-174).

Trabalhando desde cedo com e sobre os aspectos históricos e patrimoniais, as crianças iniciam a sua relação com o passado identificando-o como parte fundamental de sua vida. Cooper (2006) coloca que esse processo inicia-se a partir de diversas formas e possibilita:

Desenvolver um senso de tempo através das histórias, história familiar e visitas a locais históricos, envolve muitos aspectos do desenvolvimento pessoal e social, e como as crianças aprendem sobre sua própria cultura e comunidade, bem como suas semelhanças e diferenças com outros, desenvolvendo um senso de pertencimento. (COOPER, 2006, P.182)

Para que o ensino de história seja significativo na vida das crianças não basta apresentar os conceitos, faz-se necessário que o docente consiga

estabelecer uma relação entre o que precisa ser ensinado e realidade na qual os alunos estão inseridos. Um primeiro ponto que elencamos como primordial é lançar o conceito de patrimônio e perguntar aos alunos do que se trata, realizando um levantamento dos conhecimentos prévios. Este momento possibilita ao docente perceber o que os alunos já sabem e traçar as metas a serem alcançadas quanto à apropriação do conceito.

Outro meio que auxilia tanto as crianças como o professor na construção do conhecimento histórico são as fontes que podem ser identificadas como:

[...] coisas que foram feitas no passado, desde broches a castelos, encontradas em casa ou em museus. Elas podem ser escritas; para as crianças menores incluem: pulseirinhas de bebê, cartões de aniversário, livros de fotos antigas, nomes em estátuas e memoriais (COOPER, 2006, p.178).

Para que o trabalho com as fontes seja efetivado, cabe ao docente ter clareza sobre seu conceito, compreendendo que não se tratam apenas de documentos escritos e reconhecidos oficialmente; as fontes estão dentro das casas das crianças, nas ruas, nos detalhes. As fontes permitem encontrar “os traços do passado que permaneceram, sejam escritos, visuais ou orais” (COOPER, 2006, p.175).

Por meio das fontes os alunos descobrem diversas informações sobre o seu passado e o passado da humanidade. Conforme estabelece Oliveira

Organizar o trabalho pedagógico a partir da identificação e exploração de fontes é condição fundamental para que o aluno compreenda como a História é construída. Para além do conhecimento sobre fatos e histórias, os alunos devem aprender a lidar com o passado de uma maneira histórica. Isso significa indagar o passado a partir dos vestígios do presente a fim de conseguir determinadas respostas. Para isso, toda produção humana pode ser utilizada em sala de aula como fonte de investigação para o ensino de História. O principal objetivo do trabalho com fontes é levar o aluno a fazer inferências válidas, ou seja, perguntas pertinentes sobre o passado e que possam ter na fonte, um início de resposta (OLIVEIRA, 2010, p.125).

Uma metodologia de trabalho ancorada na exploração de fonte concretiza-se somente a partir do diálogo com e entre os educandos, como estabelece Oliveira:

Para realizar esse trabalho com as fontes é necessário ir além da observação, com questões como: quem fez? Para que fez? Como se usava? O que esse objeto significava para as pessoas que o utilizavam? Da mesma forma, é importante incentivar os alunos a elaborarem suas questões e ouvir os argumentos que utilizam para justificar as mesmas. Tal perspectiva pressupõe um trabalho em sala de aula baseado no diálogo. Esse diálogo é a base para a construção de narrativas. Essas narrativas, nos anos iniciais, podem ser socializadas de diferentes formas e graus de complexidade: na oralidade, nos desenhos, nas dramatizações e, conforme forem dominando o processo de escrita, podem construir textos. (OLIVEIRA, 2010, p.26)

Outro processo importante é o levantamento de hipóteses/inferências sobre o passado. O aluno, convidado a fazer perguntas para a fonte, estabelece vínculos entre o que já sabe e o que a fonte pode ajudar a descobrir. O docente poderá propor uma linha do tempo para organizar as fontes trabalhadas de diversas maneiras estabelecendo relações entre o tempo e o espaço. A esse respeito Cooper enfatiza que:

os historiadores sequenciam as fontes para traçar as causas e efeitos de mudanças ao longo do tempo; para entender como e por que os passados eram diferentes e também semelhantes à atualidade. As crianças adoram colocar suas fotos em ordem, colocá-las numa linha do tempo, para explicar a sequencia e comparar sua sequencia com as de seus amigos. Elas podem relacionar as fotografias a artefatos relevantes que permaneceram, como as roupas de bebês, brinquedos velhos, cartões de aniversário, livros e histórias de famílias. (COOPER, 2006, p. 179)

Este processo de verificação de mudanças e permanências, ou seja, com o conceito de tempo, possibilita aos alunos reconhecerem-se como membros ativos de sua sociedade. Trata-se de uma abordagem complexa que exige ser trabalhada no decorrer de um período significativo de tempo de forma sistematizada, mas possibilita a construção de um saber significativo sobre o conhecimento histórico e a noção de identidade.

Sobre o sentimento de pertencimento e de identidade Cooper acrescenta, que:

desenvolver uma consciência do passado no contexto de nossas próprias vidas, por meio de histórias sobre o passado mais distante, é importante para a compreensão de quem somos, como nos relacionamos com os outros e sobre as semelhanças e diferenças entre nós. Isso permite que possamos entender a maneira pela qual as pessoas se comportam e possibilita entender suas ações, como elas podem sentir e pensar, por que as coisas acontecem. (COOPER, 2006, p.184)

Tendo por referência tais pressupostos teóricos acerca do conceito de Educação Patrimonial, patrimônio histórico e sobre o ensino e aprendizagem da história para crianças desenvolvemos o trabalho a seguir apresentado com uma turma de 4ª série de uma escola municipal da cidade de Londrina, que reunia alunos “com dificuldade de aprendizagem”. Tal turma foi formada dentro do contexto de transição do sistema série/ano para adequação ao Ensino Fundamental de Nove Anos. Portanto, em linha gerais, trata-se de crianças que leem precariamente, escrevem muito pouco e, em tese, não “se interessam muito” pela escola.

O patrimônio histórico como chave para a aprendizagem significativa

O projeto *As lentes captam o que o coração sente* tem como foco principal as permanências e transformações do Patrimônio Histórico da cidade de Londrina e é parte das ações do PIBID/Pedagogia/UEL, financiado pela CAPES.

A primeira fase do projeto pautou-se em estudos a respeito do conceito de patrimônio histórico. Ampliamos e estabelecemos novas relações a respeito do conceito e sua relação com o ensino de história. Após tais estudos elaboramos o planejamento das ações a serem desenvolvidas em sala de aula. Optamos por fazer um planejamento prévio, porém após o contato com os alunos e a compreensão do ritmo, das exigências e do

desejo em conhecer outras coisas, realizamos alterações com o intuito de adaptar o proposto à realidade dos mesmos.

Os alunos demonstraram interesse pela temática inclusive propondo outras abordagens. Tal situação levou-nos a questionar sobre a falta de interesse dos mesmos para o processo de aprendizagem. Observamos que, com essa metodologia pautada na exploração de seus conhecimentos e na exploração de fontes, as crianças participaram mais e se envolveram com a proposta.

Os alunos dividiram-se em três grupos e discutiram a respeito do que entendiam ser um patrimônio histórico. Posteriormente, fizeram um desenho e registraram por escrito a conclusão do grupo acerca do assunto. Em roda, cada grupo apresentou suas conclusões e mostrou seus desenhos, sendo: um campo de futebol (Fig. 1), a antiga rodoviária (Fig. 2) e uma escola (Fig. 3). Na discussão percebemos que os alunos expõem diferentes concepções acerca do que venha a ser patrimônio histórico e poucas relações estabelecem com o que foi estudado no ano anterior quando o conteúdo estudado na disciplina de História foi sobre a cidade de Londrina.

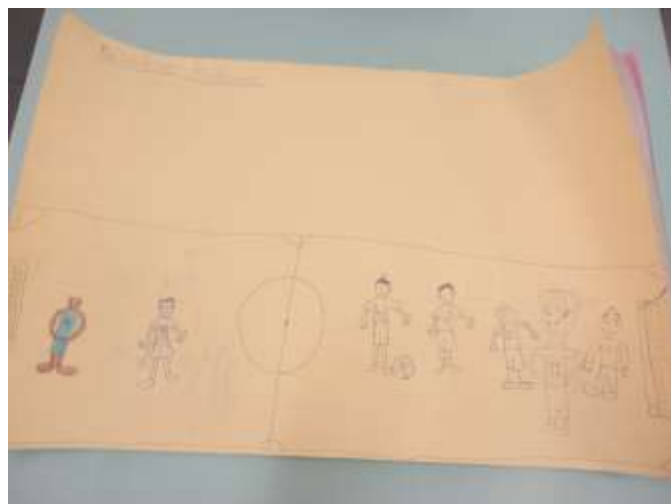


Figura 1 – Campo de futebol como patrimônio histórico³

³Todas as fotos são do acervo do PIBID/Pedagogia UEL.

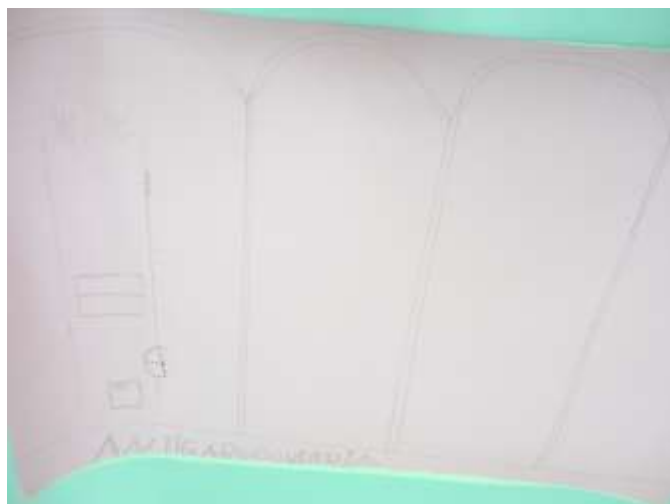


Figura 2 – Antiga Rodoviária como patrimônio histórico



Figura 3 – Escola como patrimônio histórico

Percebemos dificuldades quanto ao levantamento de hipóteses, a não compreensão da fonte como elemento de pesquisa e o andamento da discussão entre os membros do grupo. Tais constatações são compreensíveis, pois predomina na prática cotidiana da escola um modelo de aula no qual aluno é sujeito receptor de informações. Apesar da dificuldade em definir patrimônio histórico os alunos estabeleceram relações com o que conhecem e lhes é significativo como o campo de futebol e a escola.

No segundo encontro levantamos questões a respeito do que havíamos feito na aula anterior, com o intuito de trazer à lembrança o conteúdo trabalhado. Percebemos que o fato de terem discutido entre si e

na roda tornou a aprendizagem muito mais significativa. Colamos no quadro os desenhos realizados na aula anterior e debatemos sobre a primeira definição que elaboraram para patrimônio histórico. Levamos para a sala de aula livros, artigos, jornais e revistas para que pesquisassem sobre o conceito e depois alterassem ou ampliassem, se necessário, o que já tinham elaborado.

Notamos que o trabalho com fontes não é algo presente no cotidiano dos alunos, pois os mesmos sentiram dificuldade em relacionarem ideias diversas a fim de constituírem um conceito. Após a pesquisa, confrontamos as respostas estabelecendo um diálogo com e entre os alunos. Os mesmos mostraram-se interessados em compreender a função do patrimônio histórico, propuseram questões e discutiram buscando compreender o conceito. Foi bastante interessante acompanhar o processo pelo qual os alunos, mediados pelo professor e após investigação no material disponibilizado em sala, concluíram que todos os elementos desenhados poderiam, dependendo das circunstâncias, serem classificados como patrimônio histórico.

Propomos então que o grupo elaborasse uma definição pontual sobre patrimônio histórico que foi assim definido: *um conjunto de bens: escolas, prédios, campos de futebol, livros e músicas que contam a história de um povo.*

Os alunos compreenderam que a definição de patrimônio relaciona-se com o temporalidade mas destacaram que não é pelo fato do prédio ser antigo que o mesmo será considerado um patrimônio. É necessário que a memória nele presente tenha importância para um grupo de pessoas.

Após esses estudos acerca do conceito de patrimônio histórico buscamos um lugar na cidade de Londrina no qual tal conceito pudesse ser vivenciado. Escolhemos a Rua Sergipe. A escolha de tal rua para o desenvolvimento deste trabalho deu-se na junção de três potencialidades: um panfleto produzido pelo grupo coordenado pelo Prof. Leandro Magalhães sobre a Rua Sergipe; o fato de que se tratava de um lugar pelo qual os alunos e seus familiares transitavam e, assim sendo, poderíamos explorar as memórias das crianças, dos familiares e de outras pessoas envolvidas

com a constituição social, política, econômica e cultural do município e, por fim o fato de que, em julho de 2010, promulgou - se no município a Lei Cidade Limpa (10.966/2010) objetivando reduzir a poluição visual no quadrilátero central da cidade com a retirada de placas, banners e faixas com divulgações de empresas e produtos, assim como a redução do número de *outdoors*. Com isso, as fachadas dos prédios da Rua Sergipe, escondidas há décadas atrás de estruturas metálicas, puderam ser por alguns, novamente visualizadas e, por outros, pela primeira vez conhecidas.

A aula iniciou-se com levantamento do que os alunos conheciam sobre a Rua Sergipe. Todos conheciam a rua e destacaram os aspectos mais interessantes. Lembraram-se do Museu de Arte e de algumas lojas, além de relatarem experiências vivenciadas nesse espaço.

Levantamos posteriormente a questão: a Rua Sergipe sempre foi do jeito que é hoje? Imediatamente os alunos disseram que não. Após esta discussão os alunos foram convidados a, em duplas ou em trios, elaborarem um desenho, com o tema: o antes e o agora da Rua Sergipe. Foram disponibilizadas em sala de aula diferentes fontes para pesquisa. Diferentemente das semanas anteriores, os integrantes das equipes buscaram levantar hipóteses e planejaram o que iriam desenhar. Com o término da atividade, propomos a exposição dos desenhos no quadro. Os alunos observaram o desenho realizado pelos outros grupos e perceberam as semelhanças e diferenças entre os trabalhos dos grupos, que retratavam a Rua Sergipe em diferentes temporalidades.

Ampliamos o trabalho na aula posterior trabalhando o histórico da Rua Sergipe utilizando como recurso metodológico a linha do tempo (Fig. 4). O objetivo principal era fazer com que os alunos ampliassem a capacidade de perceber as mudanças e permanências no processo de urbanização da cidade de Londrina, para isso foram expostas fotos atuais da Rua Sergipe e os alunos foram convidados a explorá-las.

Posteriormente, trabalhamos com mapas localizando a Rua Sergipe na cidade de Londrina. Em seguida, os alunos foram divididos em grupos e tiveram a tarefa de escolher a década com a qual gostariam de trabalhar, entre 1930 e 1990. A fonte utilizada em tal trabalho foram fotografias e os

alunos deveriam fazer perguntas para a fonte na tentativa de encontrar pistas sobre o passado. Oliveira afirma:

Um procedimento metodológico pautado no trabalho a partir da inferência sobre as fontes contribui para pensarmos [...] a relação entre o passado e o presente. [...] É importante criar situações nas quais o sujeito seja impelido a compreender o porquê, as causas e as consequências nos processos de transformação e permanência entre o passado e o presente e, principalmente, que o leve a compreender que são as indagações do presente que nos levam a indagar o passado (OLIVEIRA, 2010, p.126).



Figura 4 – Montagem da linha do tempo sobre a Rua Sergipe

Na etapa seguinte, o trabalho de campo na Rua Sergipe, os alunos levantaram o que gostariam de conhecer e planejamos como seria a coleta de imagens. Realizamos um fechamento, levantado os diversos pontos abordados pelos grupos, elencamos em dois quadros os pontos semelhantes apresentados no desenho, a fim de posteriormente confrontar as hipóteses com o coletado nas fontes.

O que há na Rua Sergipe atualmente?	O que havia na Rua Sergipe antigamente?
Museu Rua asfaltada Galeria Benjamin Loja Agita Sinaleiro Quebra mola Faixa de pedestre	Prédios Rodoviária Estrada de terra Ônibus Sinaleiro Museu Carros Casas Açougue Posto de gasolina

Máquinas fotográficas foram distribuídas para as duplas e o objetivo era que cada um retratasse a Rua Sergipe a partir de seu próprio olhar. O primeiro ponto fotografado foi o prédio do Cadeião, antiga cadeia da cidade de Londrina. As crianças tiraram diversas fotos e perceberam que a finalidade do prédio do Cadeião já não era mais de prisão. Tal fato propiciou a compreensão de algumas mudanças e permanências, uma vez que a estrutura do prédio não foi modificada, mas a sua função social se alterou.

Em frente ao cadeião verificou-se a existência de uma casa de madeira e isso inquietou as crianças, pois como poderia haver “ainda” uma casa de madeira bem no centro da cidade? (Fig. 5). Em outro ponto chamamos a atenção para os prédios das esquinas, com formatos arredondados. Um dos momentos mais esperados foi à chegada ao Museu de Arte Contemporânea, localizado no prédio da antiga estação rodoviária.



Figura 5: Casa de Madeira – Rua Sergipe (2012)

Terminamos nosso trabalho sobre a Rua Sergipe percebendo que as crianças compreendem muito bem que o patrimônio histórico possibilita que o passado permaneça no presente (Fig. 6).



Figura 6: Fotos dos alunos: Rua Sergipe (2012)

Considerações Finais

O trabalho com a Educação Patrimonial é significativo porque promove o reconhecimento de si como sujeito histórico. Todavia, não se trata de um trabalho fácil e exige esforço tanto do docente como também por parte do aluno.

Este esforço requer um estudo sistematizado das teorias que embasam tal conteúdo, além de um conhecimento amplo a respeito do patrimônio histórico local. O docente que atua com os Anos Iniciais do Ensino Fundamental não pode esquecer que seus alunos estão se reconhecendo como sujeitos históricos, portanto deve buscar uma metodologia que possibilite a exploração de fontes e o diálogo na sala de aula.

Outro aspecto que ficou enfatizado foi a importância da interdisciplinaridade. A partir da disciplina de História estabelecemos ganchos com outras áreas do conhecimento e diferentes conteúdos. As vivências favoreceram o processo de ensino e aprendizagem e não restaram dúvidas que essa metodologia de trabalho desperta o interesse nos alunos e a vontade de conhecer sobre o passado.

Referências bibliográficas

- BARROSO, V. L. M. Educação Patrimonial e ensino de história: registros, vivências e proposições. In: BARROSO, V. L. M. et al. *Ensino de história: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: Exclamação: ANUPUH, 2010. p.15-24.
- HORTA, M. de L. P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A. Q. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Museu Imperial/ IPANH/ Minc, 1999.
- COOPER, H. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. *Educar*, Curitiba, Especial, p.171-190, 2006. Ed. UFPR.
- LAHIRE, B. *Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável*. São Paulo: Ed. Ática. 1995.
- LEMONS, C. A. C. *O que é Patrimônio Histórico*. 5 ed. São Paulo: Editora Brasiliense. 1987.
- MACHADO, M. B. P.; MONTEIRO, K. M. N. Patrimônio, identidade e cidadania: reflexões sobre Educação Patrimonial. In: BARROSO, V. L. M. et al. *Ensino de história: desafios contemporâneos*. Porto Alegre: Exclamação: ANUPUH, 2010. p.25-37.
- MOREIRA, M. A. *Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1942.
- OLIVEIRA, A. F. B. de. Patrimônio, memória e ensino de história. In: OLIVEIRA, M. D. de; CAINELLI, M. R.; OLIVEIRA, A. F. B. de. *Ensino de História: múltiplos ensinamentos em múltiplos espaços*. Natal: EDFURN. 2008. p. 96-101.
- OLIVEIRA, S. R. F. de. História. In: PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação do Paraná, GUSSO, A. M. et al. *Ensino fundamental de nove anos: orientações pedagógicas para os anos iniciais*. 2010. p. 119-134.
- ZANON, E. R; MAGALHÃES, L. H. BRANCO, P. M. C. *Educação Patrimonial: da teoria à prática*. Londrina: Ed. UNIFIL, 2009.